



ANAIS



# III CEPIAL

---

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

---

Semeando Novos Rumos

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho de 2012  
Curitiba - Brasil



ANAIS



# III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

## Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:  
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS  
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho 2012  
Curitiba - Brasil

ANAIS



**III CEPIAL**

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

**Eixo 4**

**“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”**

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho de 2012  
Curitiba - Brasil

## 4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

### MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

#### EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)  
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)  
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)  
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)  
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

#### RESUMOS APROVADOS

**PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)**

**O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)**  
**REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)**

**O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)**

**A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)**

**Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)**

**Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)**

**INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)**

**Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)**

**SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)**

### MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

#### EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)  
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)  
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)  
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

**MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)**

**DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)**

**REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)**

**ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)**

**TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)**

**ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).**

### MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)  
Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)  
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)  
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)  
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

## 4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA ( autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

### MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

#### EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

#### RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

### MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

#### EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

## RESUMOS APROVADOS

### MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)  
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

### MR4.6. História e Literatura na América Latina

#### EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

## RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

### MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

#### EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

## RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)


FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



## AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL<sup>i</sup>

Jorgeanny de Fátima R. Moreira<sup>ii</sup>  
Jorgeannyf@hotmail.com  
IESA/UFG

Dra. Maria Geralda de Almeida<sup>iii</sup>  
[mgdealmeida@gmail.com](mailto:mgdealmeida@gmail.com)  
IESA/UFG

### RESUMO


O presente artigo é o resultado de reflexões desenvolvidas a partir das pesquisas de campo realizadas nas três principais festas dos Kalunga do Engenho II em Cavalcante, Goiás, a saber: Folia de Santos Reis, Folia de Santo Antônio e Folia de Nossa Senhora das Neves. Nessa comunidade, constituída por quilombolas, as práticas simbólicas e culturais são relações históricas, é uma das maneiras de representar o pertencimento desse grupo com o lugar de vivência. Além disso, durante as práticas religiosas, os Kalunga fortalecem os laços sociais e empregam o saber popular, que foi transmitido pela oralidade, para organizar o espaço festivo. Com base nessas premissas apontamos alguns questionamentos no que concerne as festas dos quilombolas do Engenho II: as paisagens culturais construídas a partir dos rituais festivos e religiosos constitui o espaço do cotidiano no território Kalunga? Há influência da atividade turística sobre as paisagens simbólicas, nas representações culturais e territoriais dos Kalunga do Engenho II durante suas práticas culturais? Qual a relação entre os atores sociais e as paisagens dessas manifestações culturais? Para responder essas indagações temos como recurso teórico autores da Geografia Cultural e da Antropologia. A metodologia empregada se baseia na observação participante e no Diagnóstico Rural Participativo. Este último foi desenvolvido por meio da técnica Caminhadas Transversais, o qual se caracteriza em percorrer o território acompanhado sujeitos que o conheça minuciosamente. Com isso buscamos interpretar o significado das diferentes paisagens para os moradores. No giro das folias também foi empregado esta técnica, uma vez que os devotos contavam as diferentes experiências durante as festas no território Kalunga, à medida que acompanhávamos os foliões. A partir da aplicação dos instrumentos metodológicos foi possível cartografar o espaço percorrido pelos Kalunga durante o cotidiano e as festas. Os moradores contavam as histórias dos mais velhos e/ou suas próprias experiências. Isso colaborou para que captássemos os lugares e as paisagens em que os Kalunga do Engenho II estabelecem maiores laços de pertencimento.

**Palavras Chave:** Kalunga, Engenho II, Festa, Paisagens Culturais.

### 1. INTRODUÇÃO

Esse texto tem o propósito de apresentar algumas reflexões sobre as paisagens do território Kalunga com base nas suas manifestações culturais e religiosas. As observações foram realizadas no Engenho II nos meses de Junho e Setembro de 2011 e

1



em Janeiro de 2012, durante as folias de Santos Reis, Nossa Senhora das Neves e Santos Reis respectivamente.

Nessa comunidade as práticas culturais e sociais são relações históricas que foram estabelecidas com o lugar de vivência, e esses hábitos são aspectos que permitem que o grupo mantenha sua relação de pertencimento com o lugar. Assim sendo, observa-se nessas manifestações a identidade territorial, uma vez que “ela recorre a uma dimensão histórica, do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência ‘condense’ a memória do grupo” (HAESBAERT, 1999, p. 180).

Com base nessas premissas é possível apontar alguns questionamentos que norteiam o desenvolvimento desse texto: as paisagens culturais construídas a partir dos rituais festivos e religiosos constitui o espaço do cotidiano no território Kalunga? Há influência da atividade turística sobre as paisagens simbólicas, nas representações culturais e territoriais dos Kalunga do Engenho II durante suas práticas culturais? Qual a relação entre os atores sociais e as paisagens dessas manifestações culturais?

Para responder esses questionamentos alguns objetivos foram estabelecidos. O objetivo central é identificar as paisagens culturais construídas pelas manifestações culturais e religiosas da comunidade do Engenho II em Cavalcante – GO. Além disso, buscamos analisar os elementos socioculturais dos Kalunga, por meio de suas folias e festas, no intuito de compreender os costumes e tradições que permanecem por meio do festar; bem como interpretar o significado das paisagens culturais construídas durante as manifestações culturais como forma de (re) afirmar e (re) significar suas tradições.


Os procedimentos metodológicos para a análise e interpretação das paisagens culturais no/do espaço festivo dos quilombolas Kalunga contaram com duas fases. Na primeira fase realizamos o levantamento bibliográfico e documental para o aprofundamento da base teórico-conceitual. A segunda fase constituiu-se do Diagnóstico Rural Participativo (DRP), com ênfase em duas técnicas: a Observação Participante e as Caminhadas Transversais.

Para Borges (2009, p. 186), a observação participante é a técnica em que o processo de observar deve acontecer de forma que o pesquisador participe da vida do grupo a ser pesquisado. Para a autora (op. Cit.), “o pesquisador deve integrar o grupo, analisando-o de dentro para fora, por meio de vivências e convivências cotidianas”.

A técnica Caminhadas Transversais se caracteriza por percorrer o território acompanhado por moradores conhecedores de toda a área servindo de informante (CARVALHO, 2006). Essa técnica foi aplicada com moradores e foliões no Engenho II. Na

2





companhia de um dos foliões percorremos toda a comunidade, como os principais pontos turísticos (cachoeiras, trilhas e armazéns) e as casas dos foliões e devotos de Santos Reis, Nossa Senhora das Neves e Santo Antônio.

## **2. A Geografia Cultural e os estudos voltados para a Paisagem Cultural**

A relação entre geografia e cultura surge ainda no século XIX a partir das inquietudes dos geógrafos germânicos. Christlieb (2006) argumenta que na geografia alemã existia certo romantismo, o qual, segundo esse autor, aparece como uma das características da geografia cultural. “El romanticismo alemán se caracterizó, entre otras cosas, por su curiosidad sobre los pueblos lejanos em ele espacio y en el tiempo” (CHRISTLIEB, 2006, p. 220).


Esta ideia e curiosidade alemã é um dos motores da geografia cultural e foi retomado pela escola norte-americana, representada por Carl Sauer. Para Sauer, havia duas questões que deveriam ser levadas em conta na análise da paisagem, a primeira consistia em entendê-la enquanto um objeto físico, a segunda implica em analisá-la mediante rigoroso trabalho de campo para estudar seus traços visíveis e sua evolução com o tempo (SPETH, 2011). Sauer (2004, p. 43) explica que

As ações do homem se expressam por si mesmas na paisagem cultural. Pode haver uma sucessão dessas paisagens como uma sucessão de culturas. Elas se derivam em cada caso da paisagem natural, com o homem expressando seu lugar na natureza como um agente distinto de modificação.

Portanto, as paisagens são modificadas com a ação humana, que a molda conforme sua cultura. Além disso, a paisagem muda com o tempo, ela é marcada pelo tempo e pela cultura. Já Cosgrove, da geografia inglesa, argumenta que a cultura se apresenta não apenas em traços visíveis, mas em aspectos simbólicos. Para ele a paisagem também se expressa em símbolos (COSGROVE, 2004).

A partir dos anos 1980, os geógrafos que faziam parte da matriz da nova geografia cultural, não se limitavam a estudar apenas as diferentes formas que os povos marcavam o seu território, mas também o significado e o modo de como percebiam seu ambiente (CHRISTLIEB, 2006). “O espaço geográfico, para certos geógrafos, é concebido como um espaço existencial e nele os territórios e lugares são entendidos como porções imbuídas de significados, de emoções e de sentimentos” (ALMEIDA; VARGAS; MENDES, 2011). Nessa abordagem o espaço analisado é aquele o qual o homem atribui familiaridade, onde eles criam lugares ao qual remetem significado e sentido. Nessa perspectiva as categorias paisagem e lugar são conceitos tomados como centrais nas pesquisas.

3



Portanto, a partir da renovação nos anos 1980, a Geografia Cultural se orienta para a “interação humana com a natureza e o seu papel na ordenação do espaço” (COSGROVE, 2003, p. 103). Bonnemaïson entende que a geografia cultural posiciona o homem frente às transformações da natureza.

Cultural geography positions human beings at the centre of geographical knowledge – human beings, with their beliefs, their passions, and their life experiences. Cultural geography is meant to be a human science, a specific approach to the lives of people. It investigates the relevance of culture throughout today’s world; it deals with symbols as much as with facts, and emotions as much as reason<sup>iv</sup> (BONNEMAISON, 2005, p. 1).


Esses estudos, centrados na humanização do espaço, repercutiram no Brasil e ganhou força nos anos 1990. A partir de uma leitura cultural do espaço enfoca temas como representações sociais, turismo cultural, aspectos simbólicos e culturais da paisagem e a relação de pertencimento e afetividade com o lugar.

Almeida (2009) explica que no Brasil as pesquisas na Geografia Cultural estão voltadas para: o modo de vida de alguns grupos sociais como indígenas e quilombolas; para as manifestações culturais; os territórios culturais e os territórios singulares. Para a autora, essa área de interesse deve-se a intensificação da urbanização e das transformações econômicas e sociais no espaço agrário, marcado pelo avanço do agronegócio e a agroindústria.

No entanto, nos espaços singulares coexistem as diversidades culturais, ou seja, pequenas comunidades voltadas para a pequena produção sobrevivem frente às inovações tecnológicas no entorno. As relações dessas pequenas sociedades são imbuídas de elementos intangíveis que marcam as paisagens e lugares. A Geografia Cultural proporciona uma “melhor apreensão das relações que os homens mantêm com seu entorno, de como eles criam lugares, de como atribuem um significado ao espaço e dão um sentido de lugar a ele” (ALMEIDA; VARGAS; MENDES, 2011, p. 24).

Com base nessa leitura da geografia, propomos analisar a paisagem e as relações estabelecidas no espaço no momento do festar. As manifestações culturais são formas de enraizamento e (re) afirmação da identidade territorial. Para Wagner e Mikesell (2003, p. 36), “a paisagem esclarece certos aspectos da cultura e de comunidades culturais em si mesmas”. Ainda na década de 1950, Dardel (2011) argumentava que a paisagem não é apenas formas e conteúdo do espaço geográfico, como o solo, a vegetação e as demais feições da Terra. Ela apresenta outros aspectos que apenas os concretos. Segundo o autor “a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’ que une todos os elementos” (DARDEL,

4



2011, p. 30). Assim sendo, as paisagens não são constituídas apenas pelos aspectos visíveis, mas por elementos intangíveis como os aspectos simbólicos ligados a experiência dos homens.

Para Andreotti (2010) a paisagem pode representar a memória e as tradições que são carregadas de recordações. Nessa concepção, a paisagem é um elemento espiritual e não apenas um aspecto visível marcado por linhas e cores, mas envolve emoção e imaginação.

O geógrafo, especialmente o amante da paisagem que é, [...] necessita saber que a paisagem é uma construção humana que provem de longa data, cuja elaboração é fruto de culturas sempre supervenientes, da integração de almas para almas, da tenaz disposição espiritual que tem resistido tornando-se tradição segundo a história e o tempo (ANDREOTTI, 2010, p. 266).

A autora define a paisagem cultural e espiritual como reconhecimento, pois ao olhar e sentir a paisagem, o indivíduo a reconhece e se reconhece nela, porque está dentro da paisagem. A paisagem cultural pode ser representada pela arte, pela ação humana e pela memória. É um emaranhado de aspectos intangíveis e está ligada a consciência e não é necessariamente envolvida pelo valor estético, pois pode representar memória afetiva.

As ações projetadas pelo homem no espaço são refletidas nas paisagens. A análise da paisagem cultural é um método para se compreender as sociedades, pois a visão de mundo é uma marca expressa nos aspectos tangíveis e intangíveis do espaço. A paisagem sintetiza a cultura e as representações sociais, bem como as ideologias que (re) produzem e (re) criam o espaço. Entendemos a cultura como

[...] o trabalho, a interação direta dos seres humanos com a natureza na produção (agricultura, policultura, vinicultura, silvicultura etc.), quanto à consciência, o conjunto de ideias, valores, crenças e a ordem moral. Paisagem e cultura carregam em si, portanto, uma oposição constante entre “materialidade” e “imaterialidade” (NAME, 2010, p. 165).

Nessa perspectiva, temos que a paisagem possui uma dimensão histórica, uma vez que é transformada pela ação natural ou humana ao longo do tempo. É simbólica por representar crenças, mitos e ideologias. “A paisagem testemunha a aventura do homem na superfície da terra e qualquer marca por ele introduzida significa um diferente valor cultural” (ALMEIDA; VARGAS; MENDES, 2011, p. 29).

Com o respaldo teórico da Geografia Cultural propomos analisar e interpretar as paisagens culturais construídas pelos Kalunga do Engenho II em suas três principais manifestações religiosas e culturais.



### **3. As paisagens culturais no/do Espaço Festivo Kalunga no Engenho II**

A comunidade rural Engenho II localiza-se no município de Cavalcante, região nordeste de Goiás, distante cerca de 400 km de Brasília-DF e 600 km de Goiânia (Figura 1). Essa comunidade é constituída por quilombolas que se autodenominam Kalunga. Esse grupo social tem como principal atividade econômica a agricultura, mas alguns moradores desenvolvem trabalhos ligados ao turismo como forma de complementação da renda familiar. Os sujeitos que se dedicam a atividade turística são, em sua maioria, jovens com idade entre 18 e 35 anos, de ambos os sexos e trabalham como condutores turísticos dentro da comunidade.



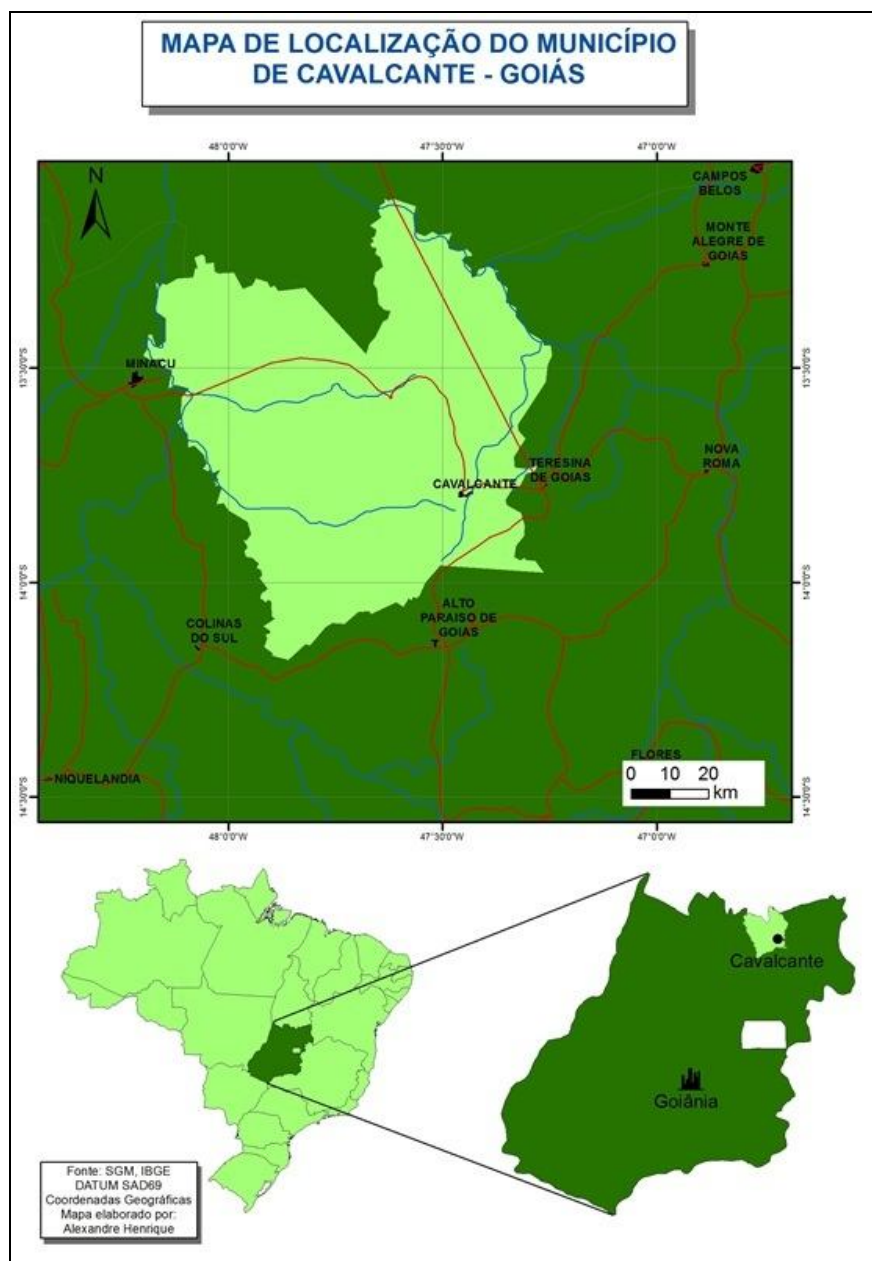


Figura 1. Localização de Cavalcante. Mapa elaborado por Alexandre Henrique, 2012.

De acordo com a Fundação Cultural Palmares “foram identificadas, oficialmente, 1.000 comunidades” quilombolas em todo país. No estado de Goiás, existem 22 comunidades quilombolas, somando 1622 famílias certificadas pela Fundação Cultural Palmares, órgão do Ministério da Cultura responsável também pelo decreto 4.887 que garante a preservação cultural e a identidade quilombola. No Estado

7



de Goiás as comunidades que receberam certificação foram as Comunidades Quilombolas Kalunga, localizadas nos municípios de Monte Alegre, Teresina de Goiás e Calvacante.

Os quilombolas são definidos por O`Dwyer (2002) como todos aqueles que assim se auto atribui e que possua relação territorial com as comunidades habitadas por descendentes de escravos. As terras que hoje constitui os remanescentes quilombolas eram quase sempre adquiridas a partir de doação ou por meio da compra nos arredores de quilombos. Desse modo, havia possibilidades de doação, herança, compra, pagamento de terras a negros que escolheram um modo de vida próprio baseado no uso da agricultura doméstica (MARINHO, 2008).

No espaço habitado pelos Kalunga predomina os vãos, serras e morros, depressões e vales estreitos, com a presença de rios e uma vegetação de cerrado. Esse espaço é conhecido como “Vãos da Serra Geral, parte ocupado pelo vale do Rio Paranã e seus afluentes, às bordas da Chapada dos Veadeiros na qual se encontra o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros” (ALMEIDA, 2010, p. 3).




Figura 2. Paisagem vista da Igreja no Engenho II em Cavalvante, Goiás. Foto: Jorgeanny de Fátima R. Moreira em Julho de



Figura 3. Casa Kalunga (não mais habitada) no Engenho II em Cavalvante, Goiás. Foto: Jorgeanny de Fátima R. Moreira em Julho de 2011.

O território Kalunga é marcado por um calendário de muitas festas assim como em outras comunidades rurais. O grupo afirma pertencer a religião católica, mas não há a presença da igreja na comunidade, ou seja, essa religião não é institucionalizada no Engenho II. As leituras sagradas, orações e rezas são lideradas por um grupo de pessoas



– consideradas lideranças - e são acompanhadas pelos moradores. Em dias de festa, a igreja é palco de rituais religiosos que antecedem o momento profano da manifestação.

As festas seguem uma espacialidade e uma temporalidade e apresentam expressões artísticas e identidade cultural (AMARAL, 1998). Amaral argumenta que as festas acontecem “de modo extra-cotidiano, mas precisa selecionar elementos da vida cotidiana”. As festas populares são caracterizadas pela ação coletiva e pela extensão da vida cotidiana em sua organização, mas também é uma ruptura com a rotina. Nas discussões sobre religiosidade popular, Durkheim (2000) afirma que os rituais festivos são marcados por uma “dimensão transgressiva”. Para o filósofo, a festa revela o estado de efervescência e a aproximação dos indivíduos.


Para que aconteça, os rituais festivos se apropriam do espaço para a reprodução dos valores, costumes e pelo convívio social. A temporalidade das festas é marcada

“por uma compreensão do movimento histórico em que se revela o caráter de tradição, ou seja, há toda uma preocupação por parte dos participantes em preservar um legado de crenças” (MAIA, 1999, p. 200).

Durante o tempo da festa, as representações sociais do sagrado e da coletividade revelam o significado dos rituais festivos para a comunidade. No território Kalunga, as festas são marcadas pela religiosidade católica e é uma forma de manifestar a fé e devoção aos santos de devoção da comunidade. Além disso, as festas nessas comunidades marcam reencontros dos moradores com aqueles que foram morar nas cidades em busca de trabalho e melhores condições de vida. Os eventos religiosos são oportunidades para que os antigos moradores retornem a comunidade.

A preparação da festa conta com a participação de todos, mesmo aqueles que não vivem mais no território Kalunga. É o momento de se estabelecer a coletividade e dar continuidade ao cotidiano (DURKHEIM, 2000). A comunidade apropria-se do espaço sagrado para uma nova função, de convívio, reencontros e a festa, sempre em nome dos seus costumes e tradições religiosas.

Novos elementos são agregados ao espaço para dar sentido à festa. As três folias que acontecem no Engenho II, são acompanhadas com canções e uma dança que é chamada pelos Kalunga de *curradeira* (muito parecida com a *catira*). O espaço do cotidiano e de trabalho transforma-se em espaço festivo. Os caminhos são enfeitados com cruzeiros (fabricados com folhas de buriti), as casas são decoradas com arcos, santos e velas, os móveis são retirados de seu lugar de origem para que o grupo de foliões dance a *curradeira*.



Questionados acerca da coreografia dessa dança, os foliões argumentam que foi ensinada pelos “mais velhos, trata-se de uma tradição, aprendemos com os nossos pais e eles aprenderam com os nossos avós”.<sup>v</sup> Amaral afirma que o povo reinventa suas tradições de acordo com “as novas condições de vida resultantes de novos contextos sociais” (1998, p. 34).

Um exemplo da (re) invenção das tradições é a Folia de Santo Antônio que acontece entre os dias 06 a 12 de Julho. A temporalidade da folia foi reinventada, uma vez que o dia de Santo Antônio é comemorado em 12 de Junho. Questionados acerca da alteração da folia para o mês de julho, os foliões afirmaram que é importante a mudança da data, pois muitos jovens deixaram a comunidade para viver em grandes cidades como Brasília e Goiânia em busca de emprego e qualidade de vida. Outro fator que destacaram como fundamental para essa alteração são as férias. O mês de julho marca as férias dos estudantes Kalunga, mas que no período de aulas residem nas cidades da região.

A temporalidade das festas constitui um elemento importante da tradição, porém os moradores do Engenho II, não consideram a mudança da data uma transgressão de suas tradições. A comunidade acredita que não podem mudar as canções, as danças e a ajuda mútua. A reciprocidade é a principal característica da festa; para os foliões é esse o motivo dela ainda acontecer. Não há contribuição da prefeitura de Cavalcante, mas alguns comerciantes e um vereador, também Kalunga, contribuem com doações de alimentos, animais e dinheiro. Os alimentos, como arroz, milho e mandioca, são da roça dos próprios moradores. O trabalho e a organização da festa ficam por conta da comunidade, isso representa o conteúdo comunitário das festas em comunidades rurais (SANTOS; KINN, 2009).

A apropriação do espaço sagrado para os rituais é um elemento característico das folias. Segundo os moradores, as folias surgiram com o dever de cumprir promessas aos santos, então o caráter religioso é o principal motivo da participação de todos os moradores do Engenho II. Quanto aos foliões, eles acreditam que cantar e tocar na folia faz parte da tradição familiar. As letras das canções são saberes que foram transmitidos pela tradição oral, geralmente aquele que participa da folia o faz porque o avô e o pai também fizeram.

A folia é revelada pelos participantes como um momento de reencontros e convívio social, que se intensifica nos dias de festa. O preparo dos alimentos que serão servidos para os foliões transforma-se em festa, com a participação de homens e mulheres. Receber os foliões significa um ato de fé e devoção, pois ao cantar as canções

10



em homenagem aos santos e carregar as bandeiras com sua imagem, os homens transformam-se em mediadores entre os devotos e o Santo, assim como explica Santos e Kinn (2009, p 60) “as festas surgem como um acontecimento marcado pelo encontro, criação e fortalecimento de uma teia de relações sociais, tendo nos santos padroeiros seus principais mediadores”.

As transformações no espaço são de curta ou longa duração. O *barracão* (como é chamado o espaço de encontros e reuniões da comunidade), por exemplo, foi construído próximo a capela, e é nele que acontece as festas de encerramento das folias; a capela transforma-se em palco para o evento, a partir da reprodução de práticas religiosas que antecede o jantar e o forró (Figuras 4 e 5). As casas onde acontecem os *pousos* dos foliões são decoradas temporariamente para recebê-los. O barracão é utilizado principalmente no encerramento da Folia de Santo Antônio, pois é a festa que tem maior número de participantes, moradores de outras comunidades rurais e em alguns casos turistas.



Figura 4. Capela onde são realizadas as rezas e ladainhas dos Kalunga. Engenho II, Cavalcante – GO. Foto: Jorgeanny Moreira, Julho de 2011.



Figura 5. Barracão onde acontecem as festas dos Kalunga, Engenho II, Cavalcante – GO. Foto: Jorgeanny Moreira, Julho de 2011.

A decoração é constituída por cores vibrantes de bandeirolas, laços e imagens de santos tanto na capela como no *barracão* e casas dos devotos (Figuras 8 e 9). Esses elementos, nas palavras de Almeida (2011, p. 6), “traduzem um modo de delimitação e de controle do espaço, a especificidade da festa”. Portanto, o espaço adquire nova paisagem a partir da decoração e materiais para a produção da festa.

A religião justifica a grande festa de encerramento, pois é um elemento que marca a construção social das comunidades rurais. Para os moradores do Engenho II, suas festas (religiosas) representam os costumes e tradições da comunidade, que encontram nessas datas uma forma de intensificar os laços de amizade e convívio social, e são esses os motivos das doações para que a festa aconteça.

Para Almeida (2011, p. 3) “a festa testemunha as crenças coletivas, as representações do sagrado, próprias de uma comunidade”, essas características identificam os lugares. As festas religiosas no Engenho II são marcadas pela presença daqueles que não mais residem no território quilombola, mas que reconhece aquele o seu lugar, pois a ação da festa não representa apenas a apropriação e modificação do espaço para o tempo festivo, mas marca a experiência do espaço social.



Figura 6. Crianças beijam a Bandeira de Santos Reis, Engenho II. Foto: Jorgeanny Moreira, Janeiro 2012.



Figura 7. Arco em Frente a Casa que receberá a entrega da Bandeira de Santos Reis. Foto: Jorgeanny Moreira, Janeiro 2012.



Figura 8. Devotos Rezam diante da cruz (de folhas de buritis) diante da casa onde ocorreu a entrega da Bandeira de Santos Reis. Foto: Jorgeanny Moreira, Jan. 2012.




Figura 9. Final de Festa da Entrega da Bandeira de Santo Antônio às 7:30 min. Foto: Jorgeanny Moreira, Julho 2011.

A observação da paisagem durante e após os festejos e rituais nos possibilitaram a melhor compreensão dos aspectos simbólicos das manifestações culturais no território Kalunga, tendo em vista que a paisagem também é dotada de mudança. Portanto, a modificação e adequação da paisagem para receber a festa, contribuem para melhor análise do objeto de estudo.

A análise das práticas sociais e das paisagens culturais do Engenho II também é um dos caminhos para se compreender a cultura desse lugar. Para Claval (2001, p. 60), “a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas”. Nessa perspectiva, a cultura é transmitida de uma geração a outra.

A cultura depende do grupo social para que seja transmitida e assim se mantenha ao longo do tempo. No entanto, as tradições que representam a cultura podem ser (re) significadas, tanto para que se mantenha, como para que seja aceita pelas novas gerações. A cultura é dinâmica, e por isso a necessidade de (re) significar os modos de vida, costumes e valores. Laraia (2009, p. 96) define que existem dois tipos de mudança cultural. A primeira é interna e acontece de forma espontânea, é um processo do próprio sistema cultural. A segunda refere-se ao contato de um grupo social com outro.

Na medida em que os quilombolas Kalunga se relacionam com moradores de outras comunidades, sejam por meio de imigrações ou contato com o centro urbano de



Cavalcante, há a assimilação de novos hábitos, produtos e costumes. As manifestações culturais contribuem para que isso ocorra, uma vez que há presença de antigos moradores que emigraram para grandes cidades, quilombolas de outras comunidades e moradores do centro urbano. É nas festas que essas (re) significações se revelam.

O momento do festar representa a visão de mundo, os valores e cultura dos Kalunga. A apropriação de novos elementos não impede que as suas tradições e crenças existam e sejam transmitidas. A inserção de novos hábitos como o forró, o som automotivo e o comércio no entorno da festa não apaga a singularidade desse lugar. Para Almeida (2011, p. 3) “a festa testemunha as crenças coletivas, as representações do sagrado, próprias de uma comunidade”, essas características identificam os lugares.


Os costumes das celebrações e coletividade permanecem vivos e são nos eventos religiosos e culturais, que eles estabelecem o processo de construção de valores e costumes. Durante a folia, mulheres, homens e crianças cuidam dos pratos que serão servidos e também da limpeza dos lugares por onde os foliões irão passar. Ao chegarem, os foliões são recebidos com respeito, os donos das casas oferecem café, biscoitos e a cachaça que se faz presente em todo o trajeto dos foliões. Enquanto caminham de uma moradia a outra eles bebem e isso faz parte do ritual da folia. As práticas sociais e de trabalho continuam a ser executadas durante esses rituais

Ao terminarem a canção de chegada, os donos da casa pegam à bandeira e guardam sempre no quarto principal. O ritual constitui-se de canções dedicadas aos santos de devoção e a Virgem Maria e terminam com a *curradeira*. A canção que é tocada durante essa dança é feita com instrumentos fabricados pelos próprios foliões. É um momento de muita diversão e atenção, pois para aqueles que acompanham a folia a *curradeira* é a etapa mais esperada.

Apesar de a festa ser uma extensão do cotidiano, pois ela é organizada e vivida alguns dias antes, a paisagem construída é diferente daquela que constitui a vida do Kalunga que a reproduzem e a transformam durante a festa. Nas caminhadas transversais, o morador foi questionado sobre o que ele percebeu de diferente do cotidiano, ele enfatizou os caminhos de uma moradia a outra. Para ele, durante a folia a comunidade fica movimentada, pois “quem já vive na cidade vem para assistir e participar da festa”.

Durante a folia de Santo Antônio e de Santos Reis foi notável à presença de turistas. Essas duas festas na comunidade não são marcadas apenas por reencontros e práticas sociais dos Kalunga, mas estabelece novas formas de uso do espaço com a

14



prática do turismo, constituindo-se em um processo de (re) afirmação da cultura Kalunga e marcando profundamente a paisagem da festa. Os moradores explicaram que nos meses de Janeiro e Julho o fluxo turístico é mais intenso. Como muitos turistas acampam na própria comunidade, acabam participando das festas.

Como ressaltado anteriormente, para que a folia e a festa de encerramento aconteçam, toda a comunidade é envolvida nas atividades de organização e para isso é nomeado um encarregado. É o líder - escolhido durante o arremate da bandeira -, que busca pequenas contribuições de todos os moradores do Engenho II. Aqueles que não podem contribuir com alimentos ou dinheiro, participam da organização, limpeza dos locais onde a folia irá “girar” ou ajudam a cozinhar.


A folia representa o modo de fortalecimento dos laços de amizade e o trabalho é executado com alegria, não é considerado árduo ou penoso, mas uma forma de participar da vida da comunidade. Nas palavras de Brandão (2009, p. 52), o trabalho durante a festa é

Dar (bens, trabalho, afeto, saber, sentido), receber, retribuir. Fazer dessas alternâncias de recíprocas intertrocas que resistem ao mundo dos negócios em nome do mundo da vida, a essência solidária da razão de ser e viver. E, mais do que essa razão, a de saber dar-se ao outro, conviver com ele uma vida que, afinal, valha a pena.

Portanto, a organização da festa é trabalhar e festejar, participar e compartilhar. “A festa, para todos, é entendida como um código sociocultural e simbólico, impresso e produzido no espaço geográfico” (ALMEIDA, 2011). Essas características das folias demonstram uma representação social, pois esse momento reflete o convívio e as práticas culturais dos Kalunga, que reconhecem na participação da folia, uma tradição, mesmo que (re) inventada, mas que faz parte do conteúdo cultural da comunidade.

Nesse sentido, para os Kalunga o trabalho, a fé, a devoção e o convívio social fazem parte de um mesmo contexto. Eles não vêem a folia e os rituais, desvinculados do cotidiano, que é marcado pela amizade e ajuda mútua. Nas palavras de Mariano (2009, p. 3) a festa “faz parte do cotidiano, não se separa dele porque está inserida num ciclo de reprodução da vida”. Assim como nas atividades agrícolas, as manifestações religiosas para que aconteça, é necessário o envolvimento de toda a comunidade.

As paisagens simbólicas construídas pelos Kalunga por meio dos rituais festivos são formas de enraizamento no lugar e meios encontrados para (re) afirmarem a



identidade e fortalecer as relações socioespaciais. Esses são elementos que estabelecem o pertencimento, que para Santos e Kinn (2008) é uma construção social.

Nos “giros” das folias e no arremate da bandeira o convívio social e familiar se intensifica, pois se trata de um aspecto em que a

“concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes” (GUARINELLO, 2001, p. 972).


Nesse sentido, a festa é a forma em que se estabelece a manutenção e afirmação dos laços de amizade, (re) afirmação de valores culturais e identidade territorial. A manifestação cultural do povo Kalunga tem ainda, a função de (re) significar seu laço com a terra de onde tiram à sobrevivência. As canções da folia remetem à função social e econômica da agricultura. As rezas e orações são quase sempre direcionadas a colheita e ao plantio.

São evidências de que a folia e a festa de encerramento fazem parte da reprodução do modo de vida da comunidade. Para Santos e Kinn (2009, p. 70) as manifestações culturais em comunidades rurais estão ligadas ao processo de formação dos lugares, pois “representam um dinamismo de práticas sociais que propõem objetivos e sentidos fundantes, que vão-se tomando suporte do modo de vida das pessoas”. Além disso, os eventos não servem apenas para juntar as pessoas, mas também para fortalecer o pertencimento aos lugar.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As observações na comunidade Kalunga ocorreram durante as suas manifestações religiosas e culturais. No giro das folias, acompanhamos os rituais e a sociabilidade dos moradores da comunidade no momento da prática religiosa.

Durante essas caminhadas foi possível apreender algumas percepções desses moradores com o espaço habitado e a relação destes com as folias enquanto manifestação de fé, devoção e fator que contribui para a sociabilidade do grupo. A devoção e os rituais são manifestações que fazem parte do cotidiano desses moradores. Encontrar-se para rezar, comer e dançar a “curreleira” (dança típica dos moradores de comunidades rurais do interior de Goiás) e o forró são manifestações comuns e necessárias para a efetivação da sociabilidade desses moradores.



A presença de turistas, principalmente nas Folias de Santos Reis e Santo Antônio não impede que os rituais religiosos aconteça. As rezas são executadas no interior da Capela ou na casa de um dos moradores devotos, enquanto o grupo de forasteiros aguarda o início da festa no barracão. Apesar de não impedir o ato religioso, a presença desses visitantes modifica a paisagem com a utilização de barracas para camping, carros e barracas que vendem bebida alcóolica. Essa última situação é realizada por moradores do município de Cavalcante que veem na festa dos Kalunga uma forma para o comércio.

A partir da aplicação dos instrumentos metodológicos foi possível identificar as paisagens culturais, bem como a adaptação do espaço dos Kalunga para receber a festa. Em conversas informais que aconteciam durante os giros de folia e nas caminhadas transversais, os moradores contavam as histórias dos mais velhos e/ou suas próprias experiências. Essas conversas, muitas vezes informais, contribuíram para identificarmos os elementos tradicionais presentes nas festas dos quilombolas do Engenho II.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. *Festa à Brasileira: significado do festejar, no país que “não é sério”*. Tese de doutorado em antropologia. Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. São Paulo: USO, 1998, 403 p.

ALMEIDA, Maria Geralda. Território de Quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás – patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado. *Revista Ateliê Geográfico – Edição Especial*. V. 1, n. 9, fev 2010, p. 36-63.


\_\_\_\_\_, Maria Geralda. Cultura, Ecológica e Biodiversidade. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/revista%20mercator%203%20em%20pdf/culturaecologicae%20biodiversidade.pdf>. Acesso em 12 de Outubro de 2010.

\_\_\_\_\_, Festas Rurais e Turismo em Territórios Emergentes. In: Biblio3W – *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona. ISSN:1138-9796. Vol X, nº 919, 15 de Abril de 2011. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-919.htm>.

\_\_\_\_\_, M. G. Geografia Cultural: contemporaneidade e um flashback na sua ascensão no Brasil. In: MENDONÇA, Francisco de Assis; LOWEN-SAHR, Cílician Luíza; SILVA, Márcia (Orgs.). *Espaço e Tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico*. Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina (ADEMADAN), 2009.

ALMEIDA, M. G.; VARGAS, M. A. M.; MENDES, G.F. Territórios, Paisagens e Representações: um diálogo em construção. In *Mercator*. Fortaleza, vol. 10, nº 22, p. 23-35, mai/ago. 2011.

17



BONNEMAISON, Joel. *Culture and Space: Conceiving a New Geography*. Volume 8 de International Library of Human Geography I.B. Tauris, 2005.

BORGES, Maristela Corrêa. Da Observação Participante à Participação Observante: uma experiência de pesquisa qualitativa. In RAMIRES, Julio César. L; PESSÔA, Vera Lúcia S (Orgs.). *Geografia e Pesquisa Qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009.

BRANDÃO, Carlos R. O Desencanto do Outro. In *Anuário Antropológico de 1991*. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Tempo Brasileiro, 1993.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

CARVALHO, Douglas Divino. Diagnóstico Rural Participativo (DRP) das Condições Sócio Culturais dos Assentamentos de Reforma Agrária na Região do Triângulo Mineiro – MG. In: *Simpósio de Reforma Agrária*. Universidade Federal de Uberlândia, 2006. Disponível em: [www.simposioreformaagraria.propp.ufu.br/trabalhos/](http://www.simposioreformaagraria.propp.ufu.br/trabalhos/). Acesso em 12 de Julho de 2011 às 09h29min h.

CLAVAL, Paul. *Geografia Cultural*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. 2.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 92 – 123.

CHRISTLIEB, Federico Fernández. Geografía Cultural. In: HIERNAUX, Daniel; LINDÓN, Alicia. *Tratado de Geografía Humana*. Rubí, Barcelona: Anthropodos Editorial. México: UAM. Iztapalapa. Div. Ciencias Sociales y Humanidades, 2006.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.


DARDEL, Eric. O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In. JANCOS, István & KANTOR, Iris (Org). *Festa cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Ed. Hucitec./Edusp, 2001. Volume II.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In ROSENDAHL, Zenyr; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.





HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. In: *Revista Território*. Rio de Janeiro, ano IV, nº 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009.

MAIA, Carlos. Ensaio Interpretativo da Dimensão Espacial das Festas Populares: proposições sobre festas brasileiras. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

MARIANO, Neuza de Fátima. Tem Festa Caipira. A Metrópole de São Paulo. In: *XII ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA – EGAL*, 2009, Montevideo. Anais... Uruguay, 2009. Disponível em: [http://egal2009.easyplanners.info/area08/8239\\_Mariano\\_Neusa\\_de\\_Fatima.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area08/8239_Mariano_Neusa_de_Fatima.pdf) Acesso em: 14 de Outubro de 2010.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Fundação Cultural Palmares. Disponível em <http://www.palmares.gov.br>. Acesso em 14 de Outubro de 2010.

NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

RASSI, Sarah Taleb; MOLINA, Suely; AMADO, Lúcia. *O Brasil Também é Negro*. Goiânia: Editora da UCG, 2004.

RELPH, Edward. As Bases Fenomenológicas da Geografia. *Geografia*. Rio Claro, v. 7, n. 4, p. 1-25, abr. 1979.

ROSENDAHL, Zenyr. O Espaço, o Sagrado e o Profano. In ROSENDAHL, Zenyr; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

SANTOS, Rossevelt J.; KINN, Marli G. Festas: tradições reinventadas nos espaços rurais dos cerrados de Minas Gerais. In: *Revista Espaço e Cultura*, UERJ, RJ. nº 26, p.58-71, Jul\Dez de 2009.


SAUER, Carl O. A morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem Tempo e Cultura*. 2. Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

SILVA JUNIOR, Augusto R. Festejo Quilombola: o Kalunga, o divino, o verso. In *Anais do VI ECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 2008, pp. 1-15.

SPETH, William W. Historicismo: a visão disciplinaria de mundo de Carl Sauer. In CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Sobre Carl Sauer*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

19



VERAS, Lúcia Maria S. C. Do Espaço a Paisagem, da Paisagem ao Lugar: a filosofia, as ciências e as artes, como instrumentos de reflexão na conceituação sobre lugares urbanos. In *Revista de Geografia*. Recife: v. 11, nº 2, p.103-143, jul/dez 1995. ISSN 0104-5490.

WAGNER, Philip L.; MIKESSELL, Marvin W. Os temas da Geografia Cultural. In CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Introdução a Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 27-61.

---

<sup>i</sup> Projeto de pesquisa financiado pela CAPES e Ministério da Cultura, pelo edital Pro-Cultura/2009 denominado “A Dimensão Territorial das Festas Populares e do Turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe” desenvolvido pela rede: Programa de Pós Graduação em Geografia da UFC, Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais – LABOTER e Programa de Pós Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio Ambientais da UFG e Núcleo de Pós Graduação em Geografia da UFS.

<sup>ii</sup> Mestranda em Geografia pelo programa de Pós Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio Ambientais da Universidade Federal de Goiás.

<sup>iii</sup> Professora Titular do IESA/UFG.

<sup>iv</sup> “A Geografia Cultural posiciona os seres humanos no centro do conhecimento geográfico - os seres humanos, com suas crenças, suas paixões e suas experiências de vida. A Geografia Cultural pretende ser uma ciência humana, uma abordagem específica para a vida das pessoas. Ela investiga a relevância da cultura em todo mundo hoje, lida com símbolos, com os fatos e emoções, tanto quanto os da razão”.

<sup>v</sup> Entrevista com morador da comunidade do Engenho II em Cavalcante-GO, em pesquisa de campo realizada entre os dias 06 e 12 de Julho de 2011.